



#Rio2016

Mariza do Amor Divino e o varal deixado à espera de compaixão

Originalmente publicado no [Medium](#), em 29 de fevereiro de 2016

Autoria de Thiago Mendes / Instituto Pacs (texto) e Aline Furtado/Pacs (fotos)



Mariza do Amor Divino, 60, acordou apressada de madrugada para ir a uma consulta médica. A roupa lavada no dia anterior precisou esperar no varal, porque já eram 4h40 da manhã, e ela precisava sair rápido. Apenas os 20 primeiros a chegar ao hospital são atendidos. Ainda de manhã, esperando pela consulta, o celular tocou. Era a vizinha ligando para dar a notícia: “Mariza, derrubaram sua casa”. Numa sexta-feira de outubro de 2015, a Prefeitura do Rio pôs abaixo a casa, a história e a esperança de Mariza de permanecer no local onde chegou havia 34 anos para viver: a Vila Autódromo, comunidade situada ao lado do Parque Olímpico e à beira da lagoa de Jacarepaguá.

For an English version of this text, click [here](#)

A guarda municipal chegou cedo, bloqueou a passagem dos moradores, e os tratores derrubaram mais cinco casas construídas à beira da lagoa de Jacarepaguá. Ninguém se deu o trabalho de avisar Mariza que a casa onde morava seria destruída naquela manhã.

Quando os funcionários entraram, encontraram no varal as roupas; na mesa, os remédios que Mariza toma para diabetes e depressão. Debaixo do carpete, eles não sabiam, mas havia uma economia em dinheiro. Os móveis foram levados para um depósito na Prefeitura. Essas pequenas coisas — roupas, remédios e dinheiro — Mariza precisa todos os dias e nunca conseguiu recuperar.

Sua trajetória de vida, construída naquele pedaço de terra, ficou debaixo dos escombros. O terreno de pedregulhos e árvores derrubadas é um lugar onde é difícil voltar a encarar com os próprios olhos.

“Meu Deus do céu. Eu entrei ‘em parafuso’ quando soube. E minhas coisas? Meu raio-X de coluna? Eu estou com minha coluna comprometida e minha papelada estava toda lá”, preocupa-se Mariza, que havia feito uma cirurgia no cóccix dois meses antes e se prepara para uma segunda, dessa vez na coluna.

Sem remédios, ela precisou de socorro rápido para não passar mal, por causa da diabete e da depressão. Por não ter família, Mariza pediu abrigo na vizinha Maria da Penha.

Conheça a história de Maria da Penha aqui:

<https://medium.com/@pacsinstituto/embates-na-oficina-de-sonhos-de-maria-da-penha-33c0ab9b18b6#.nii935q2x>

“Ela tem o coração maior do que esse mundo. Eu bati aqui porque bati na casa certa para pedir socorro”, descreve Mariza. Penha certamente não poderá abrigar Mariza para sempre, e a idosa não tem mais a quem pedir auxílio, pois não tem filhos nem familiares próximos.

Mariza morou na casa de Penha até o dia 8 de março de 2016, data em que a casa da vizinha também foi demolida. Dias antes da remoção de Penha, Mariza subiu até o segundo andar da casa e se despediu sozinha da lagoa que por muito tempo deu sustento a tanta gente. Era a terceira remoção que dona Mariza enfrentava na vida.

Três vezes sem-teto

Até ver sua vida destruída em escombros, Mariza trabalhava como caseira na Vila Autódromo. Por esse serviço, recebia por mês um salário mínimo do dono da propriedade. A Prefeitura fez uma oferta a ele em troca da casa, mas o dono não achou justo o valor oferecido. A comunidade vem sendo ameaçada de remoção desde os Jogos Pan-Americanos de 2007. Por precaução, o dono da casa doou seus pertences. Mariza foi ficando e passou a cuidar da propriedade.

Quis o destino que Mariza fosse trabalhar justamente no pedaço de terra de onde foi expulsa pela primeira vez. Quando chegou à comunidade, há 34 anos, montou um barraco à beira da lagoa, local onde pescava toda madrugada.

“Eu fui a primeira a chegar, como pescadora. Clareava o dia eu tinha que sair correndo para vender. Se não, perdia o peixe todo”, lembra. A pescadora ficava na lagoa até as 2h, 3h da madrugada. Muitas vezes sequer dormia. Às 6h empurrava o carro de mão para vender peixe, em uma época sem energia elétrica nem geladeira para refrigerar.

Certo dia chegaram pessoas estranhas, e ela foi expulsa do barraco onde morava. “Como eu não tinha marido, morava sozinha, chegaram uns camaradas e tomaram o terreno, venderam para outros, que venderam para outros”, lembra Mariza.



Ela narra momentos de violência na expulsão. “Me bateram, me chutaram, pegaram o meu terreno”, detalha. Foi abrigada por outros pescadores, em um barraco próximo, mas a pesca foi minguando, à medida que avançava a poluição na lagoa. “Eu fui ficando por aqui, porque aqui era meu mundo, era minha vida. Eu dependia da lagoa para sobreviver”. Migrando de casa em casa, Mariza se tornou caseira por ofício.

Décadas depois da primeira expulsão, a moradora da Vila Autódromo se vê de novo sem ter para onde ir. “Minha casa está sendo derrubada duas vezes. Muito duro. Caramba!”, constata Mariza, antes de um silêncio perturbador. A moradora esperava compaixão de quem executou a derrubada da casa.





“No umbral da porta já torta
A sombra, o sombrio olhar
E no olhar coisas mortas
Que ninguém virá velar [...]
E a roupa no seu varal
E esse dia tão normal
Tão normal, tão normal” (Varal, Ednardo)

“Eles viram a roupa no varal. Sabiam que tinha morador. Os remédios, poderiam ter deixado com uma vizinha. ‘Olha, vou deixar aqui com vocês. Quando ela chegar, entreguem a ela’. Eles não podiam ter feito isso”, argumenta, imaginando como os executores da truculência poderiam ter agido. Da piedade só restou a esperança.

Mariza também fazia curso de inglês. Não tem ideia se pensaram em guardar o material de estudo antes de derrubar a casa.

“Engraçado. Eles falam tanto de violência. E eles são tão violentos. O dinheiro que eu tinha para eles é nada, mas para mim é muita coisa. Eu economizei. Nem todo remédio o hospital me dá. Então eu tenho que ter minhas economias. Tá agora debaixo da terra. É difícil”, arremata Mariza.

Ao lado, as máquinas nas obras do Parque Olímpico não pararam nem um segundo em luto por mais uma vida transformada em entulho, encoberta por poeira na Vila Autódromo. No dia seguinte, os tapumes das obras avançaram em direção à mesa de pingue-pongue construída pelos próprios moradores. Em novembro, a mesa também foi destruída.

Mariza ficou de outubro de 2015 a março de 2016 sem um teto para chamar de seu. Em abril, a Prefeitura do Rio levou Mariza para morar na Colônia Juliano Moreira, a 6,6 km da Vila Autódromo. Perguntada sobre a antiga morada, Mariza prefere não falar muito, para não se entristecer.

Na contagem regressiva para a Olimpíada, não há tempo nem piedade a perder com a idosa sem remédio, sem carpete para juntar dinheiro, sem livro de inglês, sem “parede para se encostar”, tal qual **José, do poeta Carlos**.

Uma vida sem varal para pendurar roupa.